

Para Milliet, atitude positiva e corajosa

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, classificou ontem de "uma atitude de realismo, em princípio positiva", a decisão do Citibank de aumentar suas reservas em mais US\$ 3 bilhões para precaver-se contra perdas em sua carteira de empréstimos a países do Terceiro Mundo, entre os quais o Brasil, que ontem completou três meses sem pagar os juros e mais de dois anos sem amortizar o principal. Milliet também afastou a ameaça do próprio Citibank de recorrer à Justiça contra a moratória brasileira, enfatizando que o representante daquele banco no Brasil, Michael Kelland, prometera — no encontro com o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, e com o próprio Milliet, anteontem — "colaborar" com o Brasil e até conceder novos empréstimos.

O presidente do BC fez declarações à imprensa, após empossar Luiz Aranha Correia Lago, consultor de empresas, na Diretoria de Mercado de Capitais (Dimec), substituindo Luiz Carlos Mendonça de Barros, e Wadico Waldir Buchi, procedente do banco Itamarati, na Diretoria da Área Bancária (Diban), sucedendo Ricardo Fernandez. Aos dois, Milliet recomendou que ajam com "bastante determinação para que o sistema financeiro não venha a representar um agente retardador do processo de recuperação econômica do País", mas ao mesmo tempo defen-

deu a vigência de taxas de juros reais (acima da inflação), para impedir a especulação.

ATITUDE CORAJOSA

Fernando Milliet classificou ainda de "corajosa" a atitude do Citibank de reunir provisões para enfrentar o risco de prejuízos nos seus créditos junto ao Terceiro Mundo. "As informações que eu tenho é que o mercado de Nova York recebeu de forma positiva a iniciativa do Citibank. E o reconhecimento de que o problema é de solução mais longa, sendo mais apropriado, portanto, ter um nível de reservas maior, sabendo que a solução será mais demorada. Isso diz respeito à política de cada banco, não significando que os credores de outros países venham a seguir essa posição."

O presidente do Banco Central fez uma análise do caso do Citibank: "O que existe é que realmente do total da dívida externa de muitos países em desenvolvimento uma parte pode ser administrada sem constrangimento, e outra parte, de certa forma, corresponde a um certo excesso". Daí, frisou, "ao criar reservas sobre os excessos, o Citibank está sinalizando ao mercado que a solução será demorada". Por isso, o banco prefere não ter nos ativos essa parte, até que os países devedores "comportem um serviço da dívida em proporções maiores".